

RESENHA DE *CONTRA OS FILHOS DE LINA MERUANE*. SÃO PAULO: TODAVIA, 2018

Luisa Destri



Para adjetivar sucintamente *Contra os filhos – uma diatribe*, de Lina Meruane, talvez fosse possível convocar um velho clichê da academia: trata-se de um livro irregular. O termo descreveria, com precisão e em primeiro lugar, os seus movimentos, em que sete capítulos se sucedem acelerando e reduzindo o ritmo, aumentando e diminuindo a densidade, intensificando ou abrandando a provocação. Poderia se aplicar também à diversidade dos registros, já que a tendência objetiva e persuasiva às vezes é interrompida por alguma petulância. E seria justo, sobretudo, em termos da força dos argumentos, que ora

parece advir de pesquisas, ora da mera amplificação de impressões pessoais. Nada disso importaria, porém, se não fosse enorme a sua capacidade de colocar questões essenciais – provavelmente na mesma medida em que promove indignação.

O ponto de partida é a contradição identificada no seio daquilo que a autora nomeia a “máquina reprodutiva”: de um lado, a necessidade da procriação para assegurar a continuidade da espécie; de outro, o “excesso consumista e contaminador que está acabando com o planeta”. Dessa contradição, Meruane deriva uma série de paradoxos, como a “propaganda procriadora frenética e contraditória” realizada por um Estado incapaz de distribuir recursos de forma igualitária e, assim, erradicar a pobreza. Os resultados desses processos vêm todos desembocar no corpo feminino, ignorando escolhas: as mulheres que optam por não ter filhos são assediadas a todo momento pela “cantata da procriação”, já as mães assumem um fardo que o processo histórico foi tornando cada vez mais pesado.

Para demonstrar a forma específica como hoje a maternidade – “uma palavra de ordem à prova de revoluções, um dogma contrarrevolucionário” – sustém o patriarcado e atende a interesses capitalistas, duas estratégias principais

são empregadas. Primeiro, a síntese histórica das condições para o exercício da maternidade, que tem na literatura e no ofício de mulheres escritoras um eixo central. Segundo, a discussão sobre o que Meruane entende como o ideal contemporâneo de maternidade, caracterizado por um excesso de obrigações e pela necessidade de atender aos filhos como se de clientes se tratasse.

Inicialmente se realiza um recuo até figuras emblemáticas que, a exemplo de Sor Juana Inés de la Cruz, empreenderam buscas mais ou menos solitárias pela igualdade intelectual. Um exemplo fundamental é o da ativista francesa Olympe de Gouges (pseudônimo de Marie Gouze), guilhotinada após mostrar, com sua *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã* (1791), que já na Revolução Francesa era falsa a ideia do “homem” como um sujeito universal, representante de toda a humanidade. Avançando um século, Meruane relembra como a Primeira Guerra levou as mulheres a se profissionalizarem fora de casa, convocando-as de volta ao fim do conflito, que além disso as colocou sob o imperativo da procriação. Esse é contexto em que surge Virginia Woolf, cujas condições materiais lhe permitem conquistar um teto sob o qual empreende uma luta psíquica, como afirma a ensaísta chilena: “Perturba a escritora essa imagem da

esposa-mãe idealizada que aparece em todos os âmbitos da vida social, assim como dentro da casa e de sua cabeça, enquanto ela escreve”.

É nas incursões pela literatura que o ensaio de Meruane se torna mais saboroso. A partir de *Casa de bonecas* (1879) e da polêmica decisão da protagonista de Ibsen, a autora mostra como a celebração feminista da partida de Nora é parcial: “O que é das mulheres quando elas vão embora? Elas podem conseguir o que querem, podem triunfar nas suas aspirações?”. A resposta a essa pergunta passa pela centralidade das condições materiais, “que as feministas educadas e acomodadas não levaram em consideração precisamente porque estavam mais ou menos resolvidas para elas”. Ela convoca então a escritora austríaca Elfriede Jelinek, Nobel de Literatura em 2004, e sua peça *O que aconteceu depois que Nora deixou seu marido ou Os pilares da sociedade* para mostrar o que acontece a mulheres que aspiram à emancipação sem ter meios de ampará-la. Esta Nora de 1979 a remete para as operárias de Pagu, cujo *Parque industrial* (1933) revela a distância que separa as mulheres em classes.

Caracterizada a centralidade da questão material, Meruane passa a debater o que chama de “dilema

materno-escritural”, já que as escritoras têm um desafio adicional quando o assunto é a maternidade. Enquanto as “criadoras-sem-filhos” acumulam o ofício não remunerado da escrita com o trabalho assalariado, as “criadoras-com-filhos” têm tripla jornada. “Se para a criadora-sem-filhos ter dois trabalhos interfere na sua obra, para a outra, com-filhos, as horas do dia se mostram insuficientes porque, ao horário assalariado, é preciso acrescentar a implacável rotina materna e então: de onde tirar o espaço temporal e mental para o ofício criativo?”. (Sabemos que basta trocar “criadora-com-filhos” para “pesquisadora-com-filhos” para que o dilema se aplique a muitas das leitoras, já que boa parte do trabalho acadêmico, quando não a sua totalidade, não é remunerado.) Depois de elaborar uma lista bastante útil de escritoras que não tiveram filhos – “uma avassaladora maioria”, que inclui de Santa Teresa de Ávila a Anaïs Nin, de Jane Austen a Alejandra Pizarnik, de Gertrude Stein a Victoria Ocampo –, o ensaio então discute como ao longo da história as mulheres conseguiram (ou não) conciliar maternidade e escrita. A partir da experiência sobretudo autoras de língua espanhola, extrai cinco teses:

- 1) “Escrever e criar é uma verdadeira façanha para uma pessoa que, além disso, precisa de um salário.”

- 2) Mulheres que escreveram e brilharam não tiveram filhos ou os abandonaram.
- 3) Quem conseguiu escrever tendo filhos tinha uma fortuna.
- 4) “As que tiveram filhos e não contaram com meios, suspenderam o ofício por um prolongado e doloroso período e escreveram muito depois, ou pouco, ou simplesmente renunciaram.”
- 5) “As que geraram e criaram e escreveram e trabalharam ao mesmo tempo são autênticas exceções”.

Até aqui, não há qualquer irregularidade no ensaio de Meruane, que, embora não se pretenda uma pesquisa formal sobre o tema, é eficaz em mostrar, na sua brevidade, as principais fontes e os principais aspectos do debate. Quando, a partir do quinto capítulo, “Tipos de mãe”, tenta compreender as questões atuais da maternidade, algo estranho e delicado acontece. Poderia ser o caso de invocar o conceito de lugar de fala, embora a identidade da mulher sem filhos dê conta de quase toda a perspectiva assumida no livro. Mas há também certa relação com os movimentos históricos do feminismo, que em um primeiro momento, o de Simone de Beauvoir e Betty Friedan, viu na maternidade apenas um instrumento do patriarcado

para oprimir as mulheres, mas que a partir da década de 1970 passou a nela reconhecer uma importante experiência feminina. Reduzindo o debate à oposição entre “feministas igualitárias” e “feministas da essência”, Meruane desqualifica uma terceira etapa desse debate, aquela que desde a década de 1980 vem se empenhando em unir as duas tendências, como mostra Elaine Tuttle Hansen em *Mother without child* (1997), livro dedicado à representação ficcional da maternidade. Com esse recurso, a ensaísta qualifica-se a si mesma como “antiquada”, opondo-se assim às mães atuais, que, na sua leitura, acreditam-se emancipadas mas são, em suas escolhas supostamente compulsórias, sujeitadas pelo patriarcado de forma cada vez mais intensa. Ela parece querer alertar: “as essencialistas foram enfeitadas pelo anjo-materno agora vestido de verde”, afirma, em referência a um padrão contemporâneo de maternidade que, atento a questões ecológicas, inclui o uso de fraldas de pano, a prolongação da lactação, o retorno ao parto sem anestesia, o cuidado próximo e abarcando questões de saúde e aprendizagem – todo um excesso de responsabilidades, enfim, diante das quais as famílias tentam oferecer às crianças aquilo que a sociedade deveria ser capaz de assegurar.

É fascinante o passo seguinte da argumentação, mas antes de identificá-lo vale apontar uma relevante falha. A autora enaltece a “fórmula láctea da liberação” a fim de criticar a amamentação prolongada, como se a ciência já não tivesse se encarregado de mostrar que, embora representem uma excelente alternativa, a mamadeira e o leite em pó são, efetivamente, uma alternativa. A defesa do aleitamento materno surge nas páginas do livro como coisa de “proselitistas do leite”, cujo efeito final é excluir “o pai incompetente e mal treinado que se distrai feliz em outras atividades”. A autora se revela, para dizer o mínimo, desatualizada e mal informada, como aliás já mostrou Ilana Feldman (2019) em excelente resenha. Além disso, se buscasse um ponto de vista mais interno à realidade dessas mães, Meruane talvez pudesse vislumbrar que é justamente nesse “nicho” que as mulheres mais lutam pela modificação do papel masculino na criação – ou, melhor, talvez pudesse ver como o aleitamento materno fornece a ocasião para que muitas mulheres se unam em redes de suporte e solidariedade, com o intuito de superar o que é justamente apontado por Meruane como o cerne do problema: “a procriação como questão cada vez mais privada”.

O trabalho argumentativo poderia, nesse sentido, beneficiar-se de alguma dialética. É indiscutível, porém,

a afirmação de que a criação dos filhos hoje se tornou uma espécie projeto pessoal. Neste aspecto está sua contribuição mais impressionante – a passagem que a sintetiza vale a citação:

Essa maternidade total não só coloca a mãe num lugar da escada, mas situa os filhos vários degraus acima na hierárquica escalada da sobrevivência e do progresso da qual a mãe parece a única responsável. Porque a obrigação atual da mãe é oferecer a seus filhos vantagens comparativas num mundo cada vez mais competitivo, e essas vantagens começam a ser trabalhadas na gravidez, passam pelo parto e se alongam na lactação e na afeição e continuam no constante estímulo intelectual e nas tarefas feitas em conjunto, até o inalcançável horizonte dos etc.

Para avançar um pouco mais: em tempos da subjetividade empreendedora governada pelo neoliberalismo (para usar os termos de Dardot e Laval), os filhos servem a uma espécie de “valoração da competição desleal”. Tudo se passa como se as mães, com poucos recursos, devessem ser capazes de oferecer o máximo aos seus filhos, produzindo resultados na área da saúde, da educação, da nutrição. O fato de estarem sobrecarregadas é, para Meruane, político: “suspeito que mantê-las ocupadas é, precisamente, o que as impede de elaborar um pensamento crítico de sua situação

e fazer alguma coisa. Porque não há outra alternativa além de colocar suas ásperas mãos na questão”, completa, em referindo-se à possibilidade de alguma mudança.

A chamada para a ação talvez conseguisse ganhar força caso o livro se encerrasse por aí. Infelizmente, porém, há um capítulo final, intitulado “O império dos filhos”, empenhado em demonstrar como a “crescente pressão em torno da criação” está supostamente produzindo adolescentes abusivos, cujo comportamento demanda “inofensiva e até necessária punição disciplinar”. Novamente a autora se revela desatualizada, ignorando os debates sobre a formação de vínculos na criação dos filhos ao sugerir que o empenho cuidadoso dos pais é a causa de futuros atos violentos, que a seus olhos parecem bastante disseminados entre crianças e adolescentes. Nesse passo, em vez de assumir o papel que poderia lhe caber na denúncia da sobrecarga do trabalho familiar, em um esforço construtivo que efetivamente convidasse à ação, o livro resvala para um debate moralista, em uma defesa da “palmada” que nada tem a ver com a sofisticação de outras passagens.

Talvez o tropeço se deva ao contexto de origem do livro. *Contra os filhos* foi publicado inicialmente pela independente Tumbona Ediciones, do México, como parte da coleção

Versus, que conta com títulos como *Contra el Amor, Contra el Copyright, Contra el Trabajo, Contra la Belleza, Contra la Alegría de Vivir*, entre outros. Nesse contexto, o humor provocativo e a caracterização dos filhos como “anões executores de um imperativo de serviço doméstico que continua mais vivo e ativo do que nunca” podem ter como função tornar mais palatáveis os debates feministas e a crítica ao neoliberalismo, o que explicaria a redução de sua força. Mesmo que se trate de uma estratégia, é contudo uma pena. Justamente agora, quando as medidas de isolamento social para conter a pandemia intensificaram o processo de transferência de responsabilidade sobre as crianças para o âmbito totalmente doméstico, as reflexões seriam mais que necessárias. “Quatro braços e dois corpos e 24 horas no dia já não bastam, porque no quartel doméstico se duplicaram as ocupações e as responsabilidades”, afirma Meruane, antes mesmo que o ensino remoto e outras contemporaneidades se tornassem realidade. Como um livro que se baseia no argumento de que “a cada êxito feminista se seguiu um retrocesso, a cada golpe feminino um contragolpe social destinado a domar os impulsos centrífugos da liberação”, sua leitura seria perfeita para o intervalo entre um golpe, um contragolpe e algumas trocas de fraldas.

REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Néolibéralisme et subjectivation capitaliste. *Cités*, n. 41, p. 35-50, 1/2010. Disponível em www.cairn.info/revue-cites-2010-1-page-35.htm. Acesso em 06 mar. 2021.

FELDMAN, Ilana. A tirania dos filhos – sobre “Contra os filhos”, de Lina Meruane. *Quatro cinco um* – revista de livros. Ano II, número 16, out. 2019, p. 43-44.

MERUANE, Lina. *Contra os filhos – uma diatribe*. São Paulo: Todavia, 2018.

TUTTLE, Elaine. *Mother Without Child: Contemporary Fiction and the Crisis of Motherhood*, Berkeley: University of California Press, 1997.

Luisa Destri

Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (2016).

Há mais de dez anos trabalha entre as duas áreas de formação - Jornalismo e Letras -, desempenhando atividades que conjugam a formação literária e a prática jornalística, como condução de pesquisas, ensino de produção textual e produção de conteúdo.

Contribui como redatora para a Enciclopédia de Arte e Cultura Brasileira do Itaú Cultural, entre outras colaborações.

E-mail: luisadestri@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8362436882325864>

ORCID iD: <http://www.orcid.org/0000-0003-2360-1872>